

Aspectos e Problemas da Paisagem no Desenho da Pequena e Média Cidade no Estado de São Paulo

Paulo Celso Dornelles Del Picchia

Resumo

Aborda aspectos e problemas do desenho da paisagem das cidades pequenas e médias no estado de São Paulo baseando-se no exemplo das cidades de Brodowski, Batatais e Franca. Constata que a arquitetura paisagística foi inicialmente praticada por especialistas, destacando a presença da topiaria no desenho dos jardins. Mostra aspectos do desenho urbano e salienta a sua fragilidade diante dos processos de crescimento e mudanças urbanas. Alerta para a necessidade de um profissional especializado nos desenhos urbanos e da paisagem.

Abstract

It brings up aspects and problems of landscape design in small and medium size towns in the state of São Paulo, taking as examples the towns of Brodowski, Batatais and Franca. It shows that landscape architecture in these towns was at first executed by specialists, emphasizing its fragility in facing urban growth and change. It emphasizes the need for a professional specialist on urban and landscape design.

Artigo elaborado com base na Dissertação de Mestrado "Brodowski", apresentada em agosto de 1991.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Corona.

Introdução

Ao elaborarmos a nossa dissertação de mestrado "Brodowski, Batatais e Franca: análise da paisagem urbana" (Del Picchia, 1991), pudemos visualizar uma série de aspectos da paisagem urbana e também identificar uma série de problemas no desenho dessas cidades.

A Cidade como uma Colcha de Retalhos

Batatais e Franca são cidades que surgiram como pousos ao longo do caminho dos Guayases, meio de penetração no interior do Brasil desde os tempos coloniais, aberto no processo de interiorização da colonização do Brasil na procura de riquezas e minerais preciosos. Brodowski, ao contrário, originou-se do avanço da ferrovia no período da cultura cafeeira. Apesar dessa diferença, as três cidades guardam as características da urbanização do período cafeeiro, o que as aproxima, como desenho urbano, das outras cidades paulistas surgidas no mesmo período.

Se apreciarmos os mapas dessas cidades veremos que a malha viária em tabuleiro de xadrez do núcleo inicial foram se acrescentando outros quadriculados, que para melhor aproveitamento em lotes foram seguindo a orientação das bordas das glebas rurais, que com o desenvolvimento dessas cidades foram se incorporando ao tecido urbano, orientação essa diversa da do núcleo inicial. Isto levou à formação de uma colcha de retalhos, retalhos que ficam bastante evidentes nos mapas dessas cidades graças à diferente orientação do traçado das ruas dos diversos tabuleiros de xadrez em que se constituem os novos loteamentos. (Saia, 1972, p. 202)

Essa forma de desenho urbano, por um lado, trouxe problemas funcionais, criando ruas de declividade acentuada, dificultando o aproveitamento do lote, causando problemas de erosão acentuada; por outro lado, na nossa dissertação demonstramos que a junção desses tabuleiros de xadrez favoreceu o aparecimento de qualidades plásticas na forma urbana, que seriam muito difíceis de serem criadas num traçado de ruas que se cruzam ortogonalmente, com casario monótono construído no alinhamento da rua, como acontece o mais das vezes nessas cidades. Essa junção irregular dos tabuleiros de xadrez dos loteamentos, aliada à topografia, criou condições de quebrar a monotonia do desenho urbano, dando aspectos individualizadores a um tecido urbano de outro modo pouco diversificado.

Fragilidade do Desenho Urbano

No momento em que o urbanismo passou a preocupar-se com a memória urbana, a preservação da paisagem urbana deve constituir-se numa preocupação do urbanismo. O que vemos entre nós é um despreparo no que se refere à paisagem urbana. Já conseguimos tombar edifícios, mas criamos dispositivos puramente burocráticos para tombar os arredores desses edifícios. Não temos procedimentos de trabalho para avaliar o caráter da paisagem urbana e, assim, ter os elementos necessários para gerenciar o crescimento de nossas cidades preservando a paisagem. A cidade de Berlim, na Alemanha, tem entre os mapas de seu *Umweltatlas* (sistema informatizado inteligente de dados ambientais), um mapa intitulado *Stadtbild* (Paisagem Urbana), pelo qual se pode

reconhecer o caráter da paisagem de cada pedaço da cidade. (Stellpflug et al., 1985)

Os nossos planos diretores urbanos são pensados bidimensionalmente. Em nossa dissertação constatamos a influência da topografia na caracterização da paisagem urbana, na determinação de marcos da paisagem, na constituição de panoramas. Notamos, também, a fragilidade da paisagem diante da indiscriminada verticalização que se inicia em nossas cidades e que em São Paulo, a capital, já levou a uma total descaracterização da paisagem urbana, destruindo marcos e referências tradicionais da cidade, de modo que hoje é difícil orientar-se na cidade.

George R. Collins e Christiane Crasemann Collins (Collins, Collins, 1965) comentando a obra de Camillo Sitte (Sitte, 1983) dizem: "Ele recomendou com insistência o uso do *Bebauungsplan* (que chamou de *Verbauungsplan*), isto é, uma planta da cidade concebida em três dimensões, mostrando a elevação dos prédios que estão para ser edificadas nos terrenos. O *Bebauungsplan* conseqüentemente tornou-se a base para uma rigorosa e mais detalhada regulamentação da construção, especialmente tendo-se em vista o zoneamento por altura; daí os planejadores alemães tornarem-se cada vez mais interessados em seu uso nos anos 1890." (Collins, Collins, 1965, p. 17) Entre nós já se elaborou esse tipo de plano no desenho urbano como podemos constatar pelos desenhos que encontramos no livro "Os Melhoramentos de São Paulo" (Prestes Maia, 1945), notadamente o projeto da avenida Anhangabaú (op. cit., fig. 94). Retomar esses procedimentos e, hoje, já com a ajuda da computação gráfica, seria de grande utilidade para que o desenvolvimento urbano não leve a uma total descaracterização de nossas cidades, transformando-as em cidades sem memória.

O Surgimento das Áreas Verdes

Os espaços de domínio e uso comum do povo na cidade brasileira sofreram uma lenta e progressiva laicização (Marx, 1989, p. 199); os largos diante das igrejas antes reservados às festas religiosas passam ao uso profano.

Ao estudarmos Brodowski vemos que sua origem não é a do "patrimônio religioso" (Deffontaines, julho 1944) e sim constitui-se num "patrimônio leigo" (Deffontaines, julho 1944), tendo-se originado da construção de uma estação de estrada de ferro em terras de um fazendeiro de café que loteia as terras de sua fazenda junto a essa estação. Ao proceder a esse loteamento o fazendeiro já reservou duas áreas ao patrimônio público, uma junto à estação e outra em área próxima. Quando Brodowski vem a ter uma igreja (isto se dá três anos depois da fundação da cidade), esta foi construída em terreno próprio, dentro da malha urbana. (Corrêa, 1986)

As praças em Brodowski representam um novo conceito de espaço de uso público, um espaço puramente leigo, desvinculado da função religiosa. Acreditamos que elas estejam ligadas aos conceitos do urbanismo sanitário do séc. XIX, tão bem analisado e criticado por Camillo Sitte. (Sitte, 1983) Constituem um espaço para a recreação e saúde da população urbana e não mais um espaço para festas religiosas. São as primeiras áreas verdes urbanas como hoje as entendemos. Como outro exemplo poderíamos citar o Parque Público

na cidade do Rio Claro, no interior de São Paulo, cujo jardim foi projeto da firma Dierberger. (Dierberger & Cia. 1928)

A Cidade do Café, uma Cidade Leiga

Em Batatais e Franca, "patrimônios religiosos" (Deffontaines, julho 1944), as praças de matriz, praça Cônego Joaquim Alves e praça N. Sra. da Conceição, são o centro da freguesia e núcleo da cidade, comprometidas por isso com o urbanismo colonial, tendo se laicizado no decorrer do tempo. Essas cidades, porém, tiveram até o princípio do séc. XIX um desenvolvimento incipiente conforme podemos perceber pelo relato de viajantes (Saint-Hilaire, *São Paulo nos tempos coloniais*, cit. por Tambellini, 1939, p. 143-144; Saint-Hilaire, *Viagem à província de São Paulo*, cit. por Chiachiri Filho, 1973 Parte A, Cap.II, "A vila"). Na segunda metade do séc. XIX e início do séc. XX, graças à cultura cafeeira, essas cidades se expandem e se conformam da mesma maneira que Brodowski. Se a arquitetura na segunda metade do séc. XIX sofreu mudanças graças às transformações sociais e econômicas que levaram ao surgimento do Ecletismo e a novas soluções de implantação no lote urbano, a maneira de se encarar a cidade também mudou. Não estamos mais diante do traçado hipodâmico de inspiração renascentista dos tempos coloniais (Reis Filho, 1968, p. 128), mas parece-nos sentir a influência do urbanismo racional e sanitário do séc. XIX europeu, através das ruas amplas e arborizadas, da reserva de áreas verdes (praças), do traçado urbano de motivação laica.

Arquitetura Paisagística

As praças mais antigas de nossas cidades do interior são exemplos da arte paisagística corrente no princípio do séc. XX, cujos exemplos encontramos na obra de Jules Vacherot. (Vacherot, 1909) Segundo ele a arte dos jardins comporta três estilos: o primeiro é o estilo clássico ou regular (comumente chamado "jardim francês"), o segundo é o estilo romântico ou paisagista (comumente chamado "jardim inglês"), o terceiro é o estilo composto que compreende partes do estilo clássico e partes do estilo romântico em proporções iguais. Muitas das construções de jardim ilustradas por ele, como os parapeitos imitando troncos e as imitações de rochas, todas em argamassa de concreto, vamos encontrar na praça da República e no jardim da Luz na cidade de São Paulo.

Mas, o que nos chama a atenção nas praças das cidades do interior do estado de São Paulo é a presença da topiaria. Em Batatais encontramos uma praça que não podemos enquadrar no aludido "estilo francês" pois apesar de sua construção geométrica, falta-lhe um eixo de perspectiva dominante e faltam-lhe os "parterres de broderie" O trabalho de um jardineiro de origem italiana, Jorge Sandrin (Del Picchia, 1991, p. 33 e 34), paisagista ou melhor, topiário, como queriam os romanos (Gromort, 1953), com as bordaduras dos canteiros podadas de forma escalonada e a composição centrada no coreto, lembra muito os jardins do Renascimento italiano. Conforme apuramos em Batatais, Jorge Sandrin tinha uma prancheta de desenho e concebia seus jardins através de desenhos, projetos. O mesmo nos afirmou o filho de Antônio Etzel, Eduardo Etzel, em depoimento que colhemos, eu e a historiadora do Departamento de Parques e Áreas Verdes da Prefeitura de São Paulo, Maria das

Graças Fontes de Almeida. Segundo Eduardo, seu pai, que foi encarregado dos jardins públicos da cidade de São Paulo (Etzel, 1982), também tinha uma prancheta de desenho onde projetava os seus jardins, afirmando-nos, ainda, que Antônio Etzel, um italiano de cidadania austríaca, natural de Trento, teria se diplomado em horticultura ou paisagismo na sua cidade natal, dizendo ter um diploma que não pudemos ver. Tudo isto parece demonstrar que esses jardineiros traziam uma sólida formação que infelizmente seus sucessores não tiveram, o que explica o abandono ou mal manejo que muitas áreas verdes no interior do estado e mesmo na capital têm tido.

Publicidade

A publicidade através dos anúncios nas fachadas dos prédios sofreu um incremento nos últimos tempos com o advento de novos materiais de construção e foi favorecida, talvez, pela fragilização do gosto arquitetônico devida ao movimento moderno na arquitetura que destruiu os velhos cânones e modelos em que esta arte estava baseada, instituindo uma liberdade de projeto que foi mal apropriada pela população. Através de remanescentes de anúncios indicativos de atividades de estabelecimentos comerciais, a maioria em bandeira, de pequenas dimensões, que encontramos nas cidades que analisamos em nossa dissertação de mestrado, pudemos verificar que eles respeitavam as características arquitetônicas das edificações e jamais interferiam negativamente na paisagem urbana. O mesmo não ocorre com os anúncios mais recentes que se apõem às fachadas, encobrindo-as e descaracterizando-as esteticamente e funcionalmente.

Natureza e Paisagem Urbana

Num mundo que não possibilita mais fronteiras entre a paisagem natural e a paisagem cultural, entre paisagem urbana e paisagem rural, devido à expansão da urbanização, numa região em que as conurbações são cada vez mais freqüentes, não mais podemos ficar alheios às idéias de preservação da biodiversidade em meio urbano. Constatamos a incapacidade de arquitetos e engenheiros envolvidos no desenho urbano de incorporar aos seus projetos a preservação de elementos naturais à paisagem urbana. Estamos sempre diante de projetos desnaturalizantes como canalizações de córregos, transformações de fundos de vale em avenidas, terraplenagens descaracterizadoras da topografia, avanço das cidades sobre manchas de solos férteis raros, uso de cada vez menos espécies vegetais, a maioria exóticas, com sérios prejuízos à fauna e à preservação da natureza tão seriamente ameaçada pelo avanço da urbanização.

Falta-nos a idéia do planejamento da paisagem, como o da República Federal da Alemanha, onde é feita a determinação dos potenciais da natureza, delimitando os sítios que são importantes para as espécies e biótipos, para a recreação ligada à natureza, para a regulação e regeneração do solo, água, ar e clima. O processo de planejamento da paisagem deve estabelecer metas, elaborando modelos para o desenvolvimento espacial do ponto de vista de proteção à natureza e gerenciamento da paisagem. Deve promover a avaliação do impacto dos usos do solo nos ecossistemas. Deve estabelecer programas de ação desenvolvendo medidas para evitar, reduzir, mitigar e compensar

os impactos causados pelos usos do solo existentes e propostos sobre os potenciais da natureza. (Kiemstedt, H. et al. 1990)

Desenho Urbano não se Improvisa

No passado os profissionais que atuavam na arquitetura e no desenho urbano eram especializados, sabiam e tinham técnicas para sua ação.

No caso do chamado paisagismo, nome genérico dado no Brasil a atuações que vão desde a jardinagem até às atividades de gerenciamento e proteção à natureza (o que demonstra uma incompreensão das escalas ao se usarem os mesmos métodos e procedimentos na abordagem das diferentes escalas de trabalho), isto tem levado às distorções que apontamos. Falta um profissional competente. Não é mais possível improvisar um especialista em edificações como o engenheiro civil ou o arquiteto paisagista ou urbanista. Nem mesmo confundir o engenheiro sanitarista, capaz de monitorar os casos de poluição, com o especialista em gerenciamento da paisagem ou mesmo usar geólogos ou geógrafos para esse fim.

Um novo profissional precisa ser formado nas universidades brasileiras para as diversas atuações na construção e proteção da paisagem. O campo de trabalho é novo e apresenta desafios que as formações que apontamos acima não serão capazes de resolver. É preciso compreender que os enfoques dessas profissões são outros e que é impossível ser um *factotum*, um homem do Renascimento nos dias que correm.

Bibliografia

- CHIACHIRI FILHO, José. *Do sertão do rio Pardo à Vila Franca do Imperador*. Franca, 1973. 244p. il. Tese (Doutoramento). Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Franca, FFCL — Franca.
- COLLINS, George R., COLLINS, Christiane Crasemann. *Camillo Sitte and the birth of modern city planning*. New York: Random House, 1965. 232 p. il.
- CORRÊA, Ariovaldo. *Brodowski: minha terra e minha gente*. 1. ed. São Paulo: Pannartz, 1986. 360 p. il.
- DEFFONTAINES, Pierre. Como se constituiu no Brasil a rede de cidades. *Boletim geográfico*, Rio de Janeiro, Conselho Nacional de Geografia, n. 15, v. 2, p. 299-308, jul. 1944.
- DEL PICCHIA, Paulo Celso Dornelles. *Brodowski, Batatais e Franca: análise da paisagem urbana*. São Paulo, 1991. 2v. il. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.
- DIERBERGER & CIA. *Arte e jardim*. São Paulo, maio 1928.
- ETZEL, Eduardo. O verde na cidade de São Paulo. *Revista do Arquivo Municipal*. São Paulo, n. 195, p. 51-76, 1982.
- GROMORT, Georges. *L'art des jardins* 2. ed. Paris: Vincent Freal et Cie., 1953. v. 1. il.
- KIEMSTEDT, H. et al. *Landscape planning in the Federal Republic of Germany*. In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL: A CONTRIBUIÇÃO DO PLANEJAMENTO DA PAISAGEM PARA A PROTEÇÃO DO MEIO AMBIENTE. Hanovre, Universidade de Hanovre, junho 1990.
- MARX, Murillo. *Nosso chão: do sagrado ao profano*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1989. 219p. il.

- PRESTES MAIA, Francisco. *Os melhoramentos de São Paulo*. 2. ed. São Paulo, Prefeitura Municipal de São Paulo, 1945. 40p. il.
- REIS FILHO, Nestor Goulart. *Contribuição ao estudo da evolução urbana do Brasil (1500/1720)*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora/Editora da Universidade de São Paulo, 1968. 235p. il.
- SAIA, Luís. *Morada Paulista*. São Paulo: Perspectiva, 1972. 311p. il.
- SITTE, Camillo. *Der Städtebau: nach seinen künstlerischen Grundsätzen, vermehrt um "Grossstadtgrün"*. Braunschweig/Wiesbaden, Friedr. Vieweg & Sohn, 1983 (Reimpressão da 4. Edição de 1909). 216p. il.
- STELLPFLUG et al. *Umweltatlas*. Berlim, Senat für Stadtentwicklung und Umwelt, 1985. 8v.
- TAMBELLINI, J. Machado. *A freguesia dos Batatais*. *Revista dos Tribunaes*. São Paulo, Empresa Graphica, 1939.
- VACHEROT, Jules. *Les Parcs et jardins au commencement du XX siècle*. Paris: Octave Doin Editeur, Librairie Agricole, 1909. 475p. il.